



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

FORMAÇÃO DE EDUCADORES: UM GRANDE DESAFIO A SER VENCIDO PELOS DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR

EVELYN MONARI BELO

EIXO: 6. ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar ao leitor uma discussão teórica sobre a necessidade de oferecimento de uma educação de qualidade destinada aos discentes do Ensino Superior mas, também, a dificuldade de atingirmos tal meta quando temos como deficiência a formação dos profissionais que atuam neste nível de ensino, uma vez que são despreparados para uma nova realidade em função de sua própria formação. Portanto, discute-se meios de resgatar o sentido e o valor do processo de ensino na busca por um conhecimento que deve, novamente, ser o objeto de desejo de nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Superior. Formação Continuada. Formação de Educadores.

ABSTRACT

This article aims to present the reader with a theoretical discussion about the need for offering a quality education for the students of higher education but also the difficulty of achieving that goal when we as disability training of professionals working at this level education, since they are unprepared for a new reality based on their own training. Therefore, we discuss ways to rescue the meaning and the value of the teaching process in the search for knowledge that should again be the object of desire of our society.

KEYWORDS : Higher Education. Continuing training. Educator Training .

Na história de educação brasileira muitos são os problemas que enfrentamos no decorrer do tempo e, nas últimas décadas, as propostas surgem cada vez mais de forma enfática, até mesmo avassaladora, como instrumentos capazes de solucionar os principais problemas que caracterizam o setor educacional brasileiro.

Nesta perspectiva, podemos destacar dois critérios que tornaram-se, nos últimos anos, pontos de referência para o exercício docente e que expressam a urgência da melhoria que devemos alcançar como meta para que seja constituída uma educação de qualidade: erradicação do analfabetismo e universalização do ensino.

Primeiramente, é necessária uma breve análise sobre estes dois aspectos para, posteriormente, nos permitirmos uma discussão teórica sobre o tema central deste artigo: a formação de educadores.

O que é, no entendimento dos mais conceituados estudiosos da educação brasileira, o ato educativo?

A procura por elementos que nos permitam, em determinados momentos, o encontro com o caminho para tal resposta é, inquestionavelmente, algo que nos motiva a caminhar na direção de um processo reflexivo que culmina em nossa própria prática pedagógica.

Este processo reflexivo constitui a prática pedagógica da autora deste artigo que, simultaneamente, atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental e no curso de graduação em Pedagogia, Ensino Superior. Portanto, é possível afirmar que sua prática modificou-se consideravelmente quando teve a oportunidade de comparar seu discurso e sua prática

em níveis diferenciados de ensino que constituem um mesmo sistema de educação.

Para muitos profissionais e/ou estudiosos da educação, alfabetizar é oferecer ao educando o conhecimento “mínimo” para o domínio dos códigos linguísticos e sua utilização, ou seja, é torná-lo “útil” para as pessoas, possibilitando, ao menos, a escrita do nome. Mas, inquestionavelmente, alfabetizar é um processo cujo início pode ser determinado mas seu fim não se estabelece. Então, erradicar analfabetos não é sinônimo de um país cuja população é culta e bem informada. Erradicar analfabetos não significa oferecer-lhes nível cultural adequado e oportunidades de desenvolvimento pleno. Portanto, se esta é a condição que possuímos, não estamos formando profissionais de bom nível nas diferentes áreas do conhecimento. E nesta perspectiva inclui-se a formação de educadores.

Alfabetizar é permitir o conhecimento de mundo, é oferecer um mundo novo e o conhecimento de novos caminhos para uma nova forma de vida que, certamente, será um elemento facilitador do processo de desenvolvimento do indivíduo.

Em consonância com este processo e consubstanciando as atitudes de futuros educadores, podemos verificar que as últimas propostas educacionais nos permitem identificar a urgência expressa na manifestação do processo de universalização do ensino.

Universalizar o ensino brasileiro é um objetivo, uma meta que, verdadeiramente, caracteriza um desafio. Enquanto educadores, torna-se necessário e, simplesmente, imprescindível, implantá-lo como um elemento que ultrapassa a condição de proposta pertinente ao sistema educacional brasileiro.

A universalização do ensino brasileiro é mais do que um processo de atendimento a uma clientela que requer cuidados que podem ser considerados especiais. Universalizar o ensino é um processo necessário, que não representa apenas o atendimento a todos os indivíduos que constituem a população brasileira. Entretanto, é notória a dificuldade que encontramos quando nos propomos a “olhar”, a “visualizar” de forma rápida o ensino brasileiro seja pelas notícias que a mídia nos apresenta ou mesmo pela escuta de falas de colegas de trabalho em nosso cotidiano.

Não são apresentados neste artigo elementos figurativos para concretizar tais afirmações, no entanto, basta voltarmos nossos “olhares” para buscarmos uma forma de compreensão no tocante às nossas inquietações e tentarmos interpretar a realidade que vivemos em nossas salas de aula sob a ótica já detectada e apresentada por grandes estudiosos contemporâneos.

Diante de tais colocações, podemos verificar que muitas situações que enfrentamos no território brasileiro deixam de ser relevantes quando nos permitem situá-las como decorrentes de uma falha que se origina na formação de professores e, neste contexto, é convidativa a problemática proposta neste artigo: cabe aos docentes atuantes no Ensino Superior a realização de um trabalho adequado à realidade de seus alunos com o objetivo de iniciar um processo de releitura do sistema de ensino brasileiro, que já não atende as verdadeiras necessidades dos educandos que integram, atualmente, os problemas que enfrentamos quando atuamos na Educação Básica.

Inicialmente, é possível verificarmos um discurso “cansado”, por vezes enfadonho, que expressa, sobretudo, a ausência de vontade de muitos profissionais da educação diante da necessidade de inovação da situação. Justificam sua ausência de vontade quando afirmam que não querem fazer porque estão cansados de atuar em um sistema falho, que impede o prosseguimento de ações pontuais e peculiares, capazes de atender a cada especificidade encontrada na diversidade e homogeneidade da sala de aula.

Não é simples como a escrita propõe, mas também não pode ser considerado impossível. Assim, segundo Menghini apud Monetti e Malet (2014, p. 27), “parece imposible hablar de educación y de la educación sin que aparezca casi inmediatamente la referencia a la didáctica, o al menos a la enseñanza y sus problemas”.

Tomando como referência tal argumentação, podemos verificar que a formação de professores é uma questão que necessita o abandono de uma visão utópica, que atenda verdadeiramente aos fracassos que se constituem como reflexo do sistema educacional brasileiro.

Os problemas que afetam o sistema de ensino brasileiro retratam, progressivamente, uma clientela cada vez carente de conhecimento cultural. Empobrecida econômica, social e culturalmente, a sociedade brasileira perde sua principal arma na luta contra a insuficiência que possui diante dos fatos que assolam a liberdade de expressão e ação futuras de um povo: o conhecimento. Tornar um povo livre é torna-lo capaz mas, para tanto, é necessário ampliar seu conhecimento e emancipá-lo de uma visão empobrecida de sociedade injustiçada.

Portanto, conforme Araujo apud Monetti e Malet (2014, p. 59), “la relación de la didáctica con otras disciplinas del campo de las ciencias de la educación ha de ser considerada bajo la lente de la heterogeneidad y dispersión que caracteriza a este último.”

Em conformidade com as reflexões de Araujo apud Monetti e Malet (op. Cit.) podemos verificar que há uma grande preocupação para estabelecer uma conexão entre as diferentes áreas do conhecimento e as necessidades expressas pelos alunos. Tomemos como parâmetro a seguinte situação: estamos considerando tanto o processo de ensino e aprendizagem para as crianças e para os adultos. Nos acostumamos a considerar como “base” para o ensino os anos

iniciais do Ensino Fundamental, especificamente, os anos correspondentes ao início do processo de alfabetização. Entretanto, não devemos, de forma alguma, desconsiderar a necessidade de oferecer aulas extremamente fundamentadas, com referenciais teóricos significativos e, principalmente, pautadas na experiência profissional de cada docente que atua na formação de futuros professores.

Buscando meios de ação, novas alternativas devem permear nossas ações.

O Ensino Superior se torna, então, o momento crucial para que a reversibilidade da crítica situação seja superado. Procurando alternativas para proporcionar uma formação adequada aos futuros profissionais da educação, podemos considerar, neste momento, as reflexões de Alves para embasar nossas próximas argumentações:

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.

Profissões e vocações são como plantas. Vicejam e florescem em nichos ecológicos, naquele conjunto precário de situações que as tornam possíveis e – quem sabe? – necessárias. Destruído esse habitat, a vida vai se encolhendo, murchando, fica triste, mirra, entra para o fundo da terra, até sumir. (1984, p.11)

A atuação docente exige muito mais do que a simples prática. É um profundo e constante exercício profissional que nos constitui como pessoas que atuam diretamente com a formação e o desenvolvimento de seres humanos.

Há inúmeras manifestações de organização e sistematização de técnicas e procedimentos didáticos cujo intuito é auxiliar os professores na árdua tarefa de aproveitamento da rotina escolar. Entretanto, audaciosamente, este artigo apresenta alguns elementos que, como sugestão, podem ser tomados como referência para que uma nova forma de integração entre conhecimento acadêmico e extensão do conhecimento se apresente a novos públicos, ou seja, a novos grupos de educandos e também de futuros profissionais da educação.

Podemos compará-los, de forma pretenciosa, às competências e habilidades estabelecidas por Perrenoud que, de forma simples e objetiva, reúne em seus conceitos e determinações os princípios básicos e necessários para que a execução do processo de ensino e aprendizagem se concretize como um processo significativo e em consonância com as teorias mais adequadas e articuladas com a realidade que perpassam em nossa realidade.

Nesta perspectiva, somos capazes de adquirir conhecimento e nos tornarmos aptos a utilizá-lo nos momentos em que compreendermos que é necessário. Esta apropriação nos permite o compromisso com a prática pedagógica que nos propomos realizar ao assumirmos uma postura considerada inovadora. Temos nesta possibilidade a interpretação de um processo de apropriação do conhecimento, que o torna útil, e, conseqüentemente, significativo. Não teremos um conhecimento cumulativo e superficial, que tornar-se-á inútil e desgastado com o passar dos anos.

Para tornar um conhecimento significativo e mantê-lo como elemento importante, é necessário que seja reavaliada a forma pela qual as práticas exercidas por nós, docentes do Ensino Superior, estão passando por um processo de elaboração e reelaboração. São práticas que se reestruturam constantemente, da mesma forma que o sistema educacional. No entanto, nem sempre vemos nestas práticas resultados promissores ou mesmo duradouros.

No tripé que embasa e consolida a produção do conhecimento acadêmico, pesquisa-ensino-extensão são elementos que configuram uma realidade cada vez mais complexa. Somos profissionais que temos em nossas mãos a possibilidade de avanço e constituição de vertentes da transformação da sociedade. Mas somos também, em muitos momentos, profissionais que atuam com muita dificuldade pelo fato de possuímos como meta a responsabilidade já relacionada no início desta artigo: contribuir com a erradicação do analfabetismo e promover a universalização do ensino.

Então, podemos considerar 10 passos como elementos fundamentais para serem seguidos e atingidos diante da necessidade expressa pela atual situação:

1. Adequação da realidade do futuro educador à sua compreensão enquanto elemento atuante no sistema educacional brasileiro.
2. Preparação do futuro educador para o desempenho de sua função em diferentes situações de ensino e aprendizagem, sobretudo quando condições de sobrevivência interferem diretamente no exercício da profissão, exigindo o questionamento da necessidade de práticas educativas de qualidade em contraposição ao suprimento da qualidade de vida.
3. Oferecimento de condições de análise e apropriação do conhecimento aos futuros educadores com o objetivo de assegurar o desenvolvimento de uma prática pedagógica real e concreta, capaz de ser articulada às diferentes necessidades expressas na heterogeneidade das salas de aula independentemente do nível ou modalidade ensino considerado.
4. Promover situações de integração nas quais corpo docente e discente possam compreender a importância da

ação conjunta e articulada em efetivos programas de extensão, visando o exercício de práticas que culminem no exercício profissional consciente e objetivo dos futuros educadores.

5. Estabelecer ações articuladas com a prática da pesquisa acadêmica, tornando-a um instrumento de aplicação efetiva na realidade das unidades escolares.
6. Determinar aos futuros educadores condições de aprendizagem que conduzam-nos à apropriação do conhecimento, adaptando-o à sua realidade de ação e tornando-o um elemento centralizador de ações reflexivas capazes de promover profundas transformações na prática profissional desempenhada.
7. Permitir ações estratégicas que tornem os estágios significativos, aliados ao exercício profissional de modo a contribuir com o desempenho do futuro profissional da educação.
8. Tornar a sala de aula do Ensino Universitário um espaço de discussão que propicie o avanço do conhecimento de forma concreta, estabelecendo vínculos reais e necessários com a realidade de unidades escolares a partir da implementação de um sistema que seja capaz de ampliar o conhecimento teórico-prático dos graduandos em consonância com os ideais expressos por uma realidade cada vez mais dinâmica, articulada e exigente.
9. Oferecer subsídios para a integração do tripé ensino-pesquisa-extensão como fonte de articulação das ações práticas, possibilitando o avanço das discussões sobre as verdadeiras dificuldades encontradas no ambiente escolar.
10. Promover condições de efetivação de um ensino estruturado, investindo na formação acadêmica nas diferentes vertentes: oferecimento de conhecimento de caráter teórico-prático e realização de atividades práticas vinculadas às redes oficiais de ensino e incentivo à formação continuada como resultado de autogerenciamento e oferecimento de organização de tempo de estudo concomitante ao exercício da profissão.

A partir dos elementos aqui apresentados, não podemos desconsiderar a necessidade que possuímos em adequar nossa prática e nossa realidade a uma situação que pode ser compreendida e denominada como “nova realidade”.

Esta “nova realidade” implica, necessariamente, na execução de práticas pedagógicas que viabilizem novas oportunidades a todos os educandos, independentemente do processo de desenvolvimento de suas habilidades e competências e, então, é fundamental que estejamos abertos ao novo e conectados com o mundo sem desconsiderar completamente o que hoje é analisado e compreendido como velho.

Mais que uma exigência, os verdadeiros educadores são elementos fundamentais da escola atual, que precisa ressurgir como nova sem abandonar a roupagem do (velho) histórico conhecimento.

Os educadores que surgem na efervescência da paixão pela vocação são profundamente envolvidos com sua atuação prática e, contudo, literalmente “fazem a diferença”. Em outras palavras, ultrapassam os limites impostos pelos rigores da cientificidade mas permitem uma nova postura, capaz de promover uma ruptura com uma sistematização que “engessa” as ações realizadas em sala de aula.

O principal elemento que pode ser compreendido como empecilho para a concretização de uma prática pedagógica capaz de romper barreiras resume-se na superação da formação docente dos professores que, atualmente, encontram-se como responsáveis pelas disciplinas ministradas nos cursos de graduação destinados à formação de professores.

Estamos “enraizados”. E, neste sentido, não somos árvores seculares capazes de refletir sabedoria. Somos apenas árvores capazes de “omitir” falhas, “buracos” causados pelo homem que acreditando estar desbravando o espaço em busca de sua conquista, acabou contribuindo com sua destruição.

Precisamos abandonar estas “raízes” e renascer. Precisamos replantar, promover o reflorestamento, permitir o surgimento de novos arbustos. Para tanto, precisamos estar abertos ao novo, acreditar que novas sementes são sempre presentes e que necessitam de cuidados.

Esta metáfora é extremamente necessária para que o momento de tomada de consciência seja, verdadeiramente, o diferencial na vida acadêmica dos futuros profissionais da educação. Portanto, educadores, ser professor é condição essencial e primeira para que o grande passo rumo ao processo de transformação que podemos proporcionar seja realizado.

Quando neste artigo temos a oportunidade de verificar as ideias de Alves (1984), tomamos como exemplo a comparação que o referido autor faz entre educadores e professores e temos a possibilidade de compreender a sensível diferença que constitui ambos. Trata-se, sobretudo, de avaliar a profundidade e a importância que constituem o ato educativo.

Entre os elementos apresentados como pontos de referência para a concretização de um novo parâmetro de análise para a sistematização da educação brasileira de forma significativa, o elemento n.º 8 retrata, adequadamente, a importância que atribuímos aos educadores que devem pautar o ato educativo como nova forma de compreensão da

realidade na busca por práticas que priorizam o desenvolvimento de atitudes que fomentem o desenvolvimento da autonomia e da apropriação do conhecimento.

Ao abordar a necessidade de estabelecimento de novos vínculos entre a academia científica e a comunidade, o elemento n.º 8 exige, automaticamente, sincronização entre o exercício de uma nova forma de realização da prática dos docentes responsáveis pelo ensino universitário com a prática realizada pelos docentes que atuam na Educação Básica, especificamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Sob esta ótica, ser apenas professor inviabiliza o exercício de práticas abrangentes. Promove o exercício de práticas incoerentes que, em maioria, não atendem a realidade e configuram a descaracterizam do sistema educacional brasileiro.

Não somos docentes preparados para exercer a profissão de forma exigente e tampouco somos docentes preparados para as novas formas de compreensão da realidade.

Em linhas gerais, burocraticamente somos professores formados academicamente comprovados via diploma. Mas para sermos educadores precisamos vencer nossos medos, barreiras, frustrações sem desrespeitar as determinações legais e acompanhar de forma avassaladora as novas exigências e, obviamente, a nova realidade. É uma comprovação que nos permitirá consolidar novas expectativas e, conseqüentemente, estabelecer novas possibilidades de ação.

Se afirmamos que não estamos preparados, não podemos desconsiderar que a busca pela preparação já está acontecendo.

Procurando respaldo legal, a denominação atribuída a esse processo é formação continuada. Porém, é comum observarmos que a formação continuada aqui citada é interpretada como a participação dos docentes atuantes nas diversas modalidades e níveis de ensino.

Na realidade, a formação continuada é uma prática pedagógica que, em nosso país, “passa despercebida”. Uma formação continuada é sempre realizada no cotidiano do docente, mas nunca compreendida nesta perspectiva. Portanto, os registros, relatos e experiências dos profissionais da educação que atuam no sistema educacional brasileiro nunca são considerados como produtos de uma prática real e efetiva. Resumem-se a uma forma de fiscalização imposta por atividades setoriais e internas realizadas nas unidades educacionais por profissionais da educação que ocupam cargos como coordenadores ou orientadores, por exemplo. Trata-se de registros documentais, geralmente denominados “diários de bordo”.

Os registros contidos nestes documentos são sempre tomados como parâmetros para avaliação e supervisão do trabalho pedagógico realizado. Assim, diante de situações que acabam por restringir as atuações dos professores, não conseguimos atingir as metas estabelecidas em planejamentos e, principalmente, em nossos mais profundos desejos de educadores que buscam caminhos e meios para uma educação de qualidade.

A necessidade de formação continuada expressa, de forma complexa, a necessidade de buscarmos cada vez mais novos educadores para que seja possível promover a transformação necessária nos rumos da educação brasileira.

O abandono à utopia só terá início e sentido quando estivermos prontos para, definitivamente, propiciarmos rupturas com modelos de ensino que já não são adequados aos procedimentos que temos em sala de aula em nosso cotidiano.

Nossos alunos desejam e necessitam mais do que simples explicações. O dueto giz e lousa não pode ser o único arsenal. E se for, deve ser utilizado com maestria. Neste momento, entra em cena o desejado e fantástico conhecimento que a escola perdeu no decorrer de sua história. A permanência de uma crença de que transmitir conhecimento a partir de uma mera reprodução que conhecemos a partir de cópias desqualificadas e sem sentido tornou a escola um local que conduz as pessoas ao fracasso e ao cansaço. E, assim, o ato pedagógico passou a ser caracterizado como um ato incapaz de seduzir as pessoas. Contrariamente, é capaz de repelir as pessoas, de afastá-las do convívio do mundo cultural e erudito.

Sabidamente Alves (op. Cit.) perguntou em sua obra “educadores, onde estarão?”. E a nós, neste momento, cabe uma outra questão:

“Futuros profissionais da educação: como pretendem construir sua ação?”

Para Junior (2015, p. 140, grifos do autor), na biografia de Rubem Alves podemos encontrar uma forma de embasamento para esta resposta:

Toda “informação” destinada a ser decorada, repetida e interiormente empacotada e empilhada, de acordo com o programa escolar, deveria dar lugar ao “conhecimento”, que desafiava a criança e o ser humano, ao longo de sua vida, ao pensamento, à curiosidade, à reflexão crescentemente crítica e profunda.

Tal condição implica, objetivamente, na possibilidade de estabelecermos como meta a recriação da universidade e, portanto, da escola para nossas crianças. Estaremos, certamente, contribuindo com a proliferação de novas ideias, com o plantio de árvores frondosas que não afrontam a inteligência, mas que projetam a beleza dos frutos do conhecimento e espalham o perfume da criatividade diante de novas formas de compreensão e interpretação da realidade. Esta

condição responde a questão apresentada de forma simples: os futuros profissionais da educação devem pretender construir sua ação fundamentando sua prática pedagógica na possibilidade de serem encontrados na imagem de educadores responsáveis e capazes de desenvolver seu senso crítico no contexto da realidade que concretiza a educação em nosso país. Em outras palavras, devemos formar educadores acreditando que também estamos vivendo o mesmo processo de transformação, e que os dez elementos apresentados são apenas mais uma forma de compreensão dos inúmeros processos de sistematização referentes ao sistema de ensino que já conhecemos e que tentamos, constantemente, implantar. Em suma, devemos caminhar acreditando na transformação e no sucesso!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como principal objetivo oferecer ao leitor um momento de reflexão sobre os rumos tomados pela formação que destinamos aos futuros profissionais da educação em nosso país.

Sabemos que nossa história é caracterizada por um sistema educacional falho e inadequado, no qual é de extrema importância a busca por situações que promovam transformações essenciais no contexto da instituição escola. No entanto, se não houver uma mudança de paradigma no tocante à formação dos docentes que, atualmente, são os responsáveis pela formação oferecida aos futuros profissionais da educação, certamente não conseguiremos superar nossos déficits e atingir as duas principais metas brevemente abordadas na discussão proposta: erradicação do analfabetismo e universalização do ensino.

Neste sentido, participação, integração e adequação são palavras que expressam necessidades inquestionáveis no cenário educacional brasileiro e que, simultaneamente, determinam o ensino de qualidade pretendido no Ensino Superior, sobretudo quando o foco central são os cursos destinados à formação de professores.

Sendo a escola uma instituição social tanto quanto a família, não podemos nos esquecer que o professor, da mesma forma que o aluno, tem uma formação pessoal antes de uma formação acadêmica. No entanto, os cursos de licenciatura omitem-se quando não consideram esta condição como requisito básico para a formação de futuros profissionais.

Diante de tal condição, algumas comparações com reflexões de grandes são essenciais neste processo de constante busca pelo conhecimento e pelo aperfeiçoamento de ideias e decisões que afetam, diretamente, a ação educativa no cotidiano que se constitui na educação formal.

Quanto aos 10 (dez) elementos que foram estabelecidos como meios de sistematização e apresentados neste artigo, verificamos que não configuram nenhuma novidade ou verdadeira inovação, mas nos despertam para a observação de que temos possibilidade de agir com o que já dispomos ao nosso domínio e, portanto, ao nosso alcance e, além disso, nos permite confirmar nossa capacidade.

Somos capazes e competentes, e ser competente não é ser capaz de atender a todos no tempo integral de sua jornada, mas sim, ser capaz de atuar enfrentando as mais diversas agruras que podem surgir nos percalços que nos envolvem a cada novo dia.

O exercício da docência no Brasil é, verdadeiramente, para poucos. São privilegiados os que conseguem desenvolvê-lo com maestria, afino, responsabilidade, seriedade, prazer e, principalmente, paixão. Portanto, se é preciso inovar, não é preciso abandonar o velho.

A ideia que afirma que não é válido o conhecimento que apenas se acumula pode ser considerada errada, pois tudo o que conhecemos é válido e sempre se conecta com outro conhecimento e com outra informação.

Uma grande falha da formação dos professores recai nesta visão: para sermos educadores não podemos deixar de ser pessoas, não podemos deixar de ser humanos. E, principalmente, não podemos deixar de compreender que nosso aluno também é uma pessoa, um ser humano.

Se proporcionarmos uma formação de profissionais da educação que direcione ações de forma estratégica sem desconsiderar a vivência e a experiência, a escola não será um local indesejável e os educadores não serão jogados ou escondidos em covas!

REFERÊNCIAS

ALVES, R. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 7.ed. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. São Paulo: Cortez Editora, Autores Associados, 1984.

JUNIOR, G. *É uma pena não viver*. Uma biografia de Rubem Alves. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

MONETTI, E.; MALET, A.M. [et.al.]. Debates universitarios acerca de lo didáctico y la formación: Didáctica general y didácticas específicas. Estrategias de enseñanza. Ambientes de aprendizaje. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico; Bahia Blanca: Editorial de la Universidad Nacional del Sur. Ediusns, 2014.

Evelyn Monari Belo
Professora Doutora – Claretiano Faculdade – Rio Claro – SP

Recebido em: 02/07/2015
Aprovado em: 05/07/2015
Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort
Metodo de Avaliação: Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi: